



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

O MISTICISMO COMO TENDÊNCIA NA PRODUÇÃO E DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

Rita Célia Magalhães Torreão⁴³³
(UESB)

Dante Augusto Galeffi**
(UESB)

RESUMO

Esse artigo visa abordar, discutir e problematizar a produção e difusão do conhecimento em Filosofia e Educação na contemporaneidade, enfrentando o misticismo como tendências e conflitos da complexidade do conhecimento na sociedade tecnológica e cognitiva. Este estudo foi resultado do esforço no estágio de pós-doutoramento no DMMDC (Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do conhecimento).

PALAVRAS-CHAVES: Filosofia. Educação. Misticismo.

INTRODUÇÃO

A metafísica bergsoniana é antes de tudo uma fonte. Ela se constitui de três conceitos básicos; duração, intuição e elã vital. A “Evolução Criadora” além de ser uma obra de Henri Bergson é uma idéia fruto da intuição que transbordou para territórios inesperados. A evolução em Bergson é um conceito inovador, que difere completamente do darwinismo. No evolucionismo não há criação e tudo emana da matéria. Em Bergson evolução não prescinde de criação, é nessa idéia original de evolução criadora que carrega como uma correnteza o discurso bergsoniano de

⁴³³ Doutora em Educação, professora da UESC.

** Doutor em Educação professor da UFBA.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

encontro ao misticismo. Nas Duas Fontes da Moral e da Religião (que) Bergson define sua idéia de Misticismo:

Implicitamente, admitíramos que o misticismo era raro ao defini-lo por sua relação com o impulso vital. Falaremos, pouco adiante, de sua significação e de seu valor. Limitemo-nos por ora a observar que ele se situa, segundo o que precede, num ponto até onde o fluxo espiritual lançado através da matéria teria provavelmente querido, até onde não pode ir. Porque ele zomba de obstáculos com os quais a natureza teve que conciliar, e por outro lado não se compreende a evolução da vida, com abstração das vias laterais pelas quais ela enveredou pela força, a menos que a vejamos à procura de algo inacessível a que o grande místico atinge. Se todos os homens, se muitos homens pudessem subir tão alto quanto esse homem privilegiado, não é na espécie humana que a natureza se teria detido, porque o místico é na realidade mais que homem. De resto, dir-se-ia o mesmo das demais formas de gênio: todas são igualmente raras. Não é, pois, por acaso, é em virtude de sua própria essência que o verdadeiro místico é excepcional. (BERGSON, 1978, p. 176).

Para Bergson o impulso vital ou sua manifestação que é a evolução não tem um curso limitado, como pensa a metafísica materialista, o rio do impulso vital invade as laterais, inunda o imprevisto e inesperado e é na contramão do esquematismo materialista racionalista onde a natureza é monótona e previsível que surge o místico, ele é “ribeirinho do rio do tempo”. Ele nem deveria existir para os limites do materialismo, onde tudo segue regras prévias, onde os fatos correspondem ao mundo tal como é. Mas o impulso vital envereda pelas laterais e fertiliza solos ressecados, fazendo brotar vida onde apenas se esperava morte.

Nessa sua intuição de evolução criadora, Bergson instaura o inesperado na vida, põe o ato de conhecer sempre a espera do novo e arrasta outra inesperada e inseparável idéia de vida. Para ele a vida é criada quando a consciência, ou um fluxo espiritual atravessa a matéria e enche de indeterminação. Esse impulso vital não é cego e irracional como pensava Schopenhauer, pois se ele é desejante, todos os sentidos lhe são aguçados, essa força que impulsiona a vida, possui (assim uma



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

forma de) onisciência, por isso talvez Schopenhauer pensou ser ele (ou ela) cego (a), já que a visão da “Vontade do Mundo” vai além da visão racional, o impulso vital está mais próximo do anima de Aristóteles, possui todos os sentidos, mais que isso, os sentidos são manifestações desse impulso, são suas direções e liberdade, sua explosão de força.

Nesse pulsar criador, o real ou o criado escapa à esfera do possível, o possível compreende uma visão racional e o racional é apenas uma direção desse impulso que atualiza o inesperado e o impossível.

Dentro desse entendimento do impulso vital é que surge a possibilidade do místico, uma direção inesperada da vida e da consciência, o místico é um impossível que se realiza e depois o intelecto procura acomodá-lo já que sua realidade grita e incomoda nossos hábitos, nossa moral, nossos sentidos e nossa racionalidade.

Os limites de nosso entendimento desse impulso vital são muito bem analisados por Bergson:

Grande fluxo de energia criadora lança-se na matéria para obter dela o que pode. Na maior parte dos pontos ele se deteve; essas pausas se traduzem a nosso ver por outros tantos aparecimentos de espécie vivas, isto é, organismos em que nosso olhar, essencialmente analítico e sintético, discrimina uma multidão de elementos que se coordenam para perfazer um sem número de funções; o trabalho de organização não era, todavia senão a própria pausa, ato simples, análogo ao aprofundamento do pé que determina instantaneamente que milhares de grãos de areia se estendam para produzir um desenho. Numa dessas linhas onde ela teria conseguido ir mais além, poder-se-ia acreditar que essa energia vital arrastaria o que tinha de melhor e continuaria diretamente à frente; ela, porém, desviou-se, e tudo se encurvou: surgiram seres cujas atividades girava infinitamente no mesmo círculo, cujos órgãos eram instrumentos completos em vez de dar ensejo a uma invenção incessantemente renovada de instrumentos, cuja consciência deslizava no sonambulismo do instinto em vez de aprumar-se e identificar-se em o pensamento refletido” (BERGSON, 1978, p. 173).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Essa espécie de consciência, esse tipo de bicho, o místico, não vê todas as coisas da inteligência, ele não pode resolver o que só a inteligência resolve, suas máquinas e engenharias. O místico através da intuição pode ver apenas um objeto, mas esse objeto a inteligência está despreparada para enxergar, o místico vê apenas a vida:

Por um aspecto, entretanto, essas transformações apresentavam em si mesmas, e não apenas em sua tradução conceitual, alguma coisa de comum. Todos queriam abrir o que estava fechado; o grupo, que desde a precedente abertura se dobrava sobre si mesmo, era sempre reconduzido à humanidade. Sigamos mais além: esses esforços sucessivos não eram precisamente a realização progressiva de um ideal, dado que nenhuma idéia, forjada por antecipação, podia representar um conjunto de aquisições, cada uma das quais, ao se criar, criava sua própria idéia; e, no entanto, a diversidade dos esforços se resumiria bem em alguma coisa única: um impulso, que dera sociedades fechadas porque não mais podia arrastar a matéria, mas que vai em seguida procurar e retomar, na falta da espécie, esta ou aquela individualidade privilegiada. Esse impulso continua assim, por intermédio de certos homens, cada um dos quais se verifica constituir uma espécie composta de um só indivíduo. Se o indivíduo tem plena consciência disso, se a franja de intuição que envolve sua inteligência se amplia o suficiente para aplicar-se a todo o seu objeto, é a vida mística” (BERGSON, 1991, p. 1203).

Tal como Paulo que se disse morto, pois nele era o Espírito Santo que falava, o místico sabe que é atravessado por uma força maior que ele em sua personalidade. E enquanto a inteligência liga-se a objetos, mata-se pelos objetos, para a mística só há um objeto: a vida.

O filósofo Bergson apresenta duas formas de moral e duas de religião: a moral aberta e a moral fechada, a religião estática e a religião dinâmica. A moral fechada está cristalizada nas normas sociais de conduta: o certo e o errado, o permitido e o proibido, o vício e a virtude. A moral fechada, como expressa a denominação, fecha-se em normas rígidas e absolutas. A moral aberta reconhece os valores existentes, mas



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

recusa-se a dogmatizá-los. A moral, como a vida, é mutável, e como o espírito, busca ascensão contínua. O mesmo ocorre com as religiões. A religião estática fixou-se em cânones absolutos, presa ao interesse da tribo ou grupo. A religião dinâmica, ou aberta, que denomino de misticismo, vive da criação imanente do espírito humano. Os santos e heróis que impulsionam a humanidade praticam a moral aberta e o misticismo.

Mesmo que a sociedade seja constituída de vontades livres, isto é, que o homem preserve o livre arbítrio, transforma o hábito em algo semelhante ao que a necessidade representa para aqueles organismos que agem por instinto. O sistema de hábitos pressiona a vontade de cada um dos membros da sociedade de modo que acabam por fazer com que esta última imite aquelas plenamente instintivas, como as abelhas, organizadas, funcionais, mas sem experimentar a liberdade. O impulso vital não anda em trilhos, mas é como água ladeira abaixo, busca seu desafio em liberdade. A religião estática confunde Deus e os interesses do Estado, nela, Deus entra em guerra a favor de determinada causa humana ou em benefício de determinado povo. Produzida pela função fabuladora, essa religião fechada, ou apenas Religião que tem a função de produzir uma liga entre os indivíduos de um povo, e formar uma massa organizada que sobrevive.

Vista dessa forma, a religião cumpre uma finalidade análoga à da sociedade no que concerne à coesão dos indivíduos, e ela se situa, por isso, num nível natural. Trata-se de uma organização fechada de costumes, normas, símbolos e rituais destinados a sustentar a integridade do grupo, por via da comunidade de crenças geradoras de comportamentos. É, ainda, a intenção da natureza que prevalece no interesse da manutenção da Vida numa escala maior do que a individualidade. Nesse sentido, as obrigações morais socialmente instituídas e a instituição das religiões cumprem funções análogas e complementares. Essa religião cumpre o papel de ajudar o indivíduo a sair de si e integrar-se ao grupo, transforma-o em um animal gregário. Isto denuncia uma franja de instinto que ainda guarda a



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

inteligência, mas há nela também uma franja de intuição, pois se a inteligência é uma das direções que o impulso vital segue em seu fluxo criador, a intuição é o transbordamento, e é esse transbordamento, essa franja de intuição, que abrirá o homem para fora do grupo em direção à vida como um todo. Aí acontece o misticismo.

Bergson considera o místico o mais elevado ideal da religião dinâmica. Nesse ponto, bastam os exemplos de Francisco de Assis e o arrebatamento poético de Santa Tereza de Ávila. Superando qualquer limite de religião o místico liga-se com a energia criadora. O místico ultrapassa toda forma de religião, ele viaja da liturgia ao êxtase, das normas sagradas para a ação transvalorizadora, oscilam os parâmetros de nossa cultura. O místico goza da liberdade plena do espírito, não defende causa humana ou povo oprimido, ele ama a humanidade por inteiro, liberto de fronteiras, sua ação é renovadora, tanto na religião como na moral. O filósofo da vida e do espírito lembra-nos que a pedra já foi um dia magma; que o texto divino também depende do sopro do homem; que os dogmas já foram uma época a coragem humana de transformação da verdade. Bergson alerta contra os perigos de se interpor entre nossos olhos e o mundo a palavra petrificada que perdeu a força. As duas fontes da moral e da religião são as duas escolhas que definem o destino de uma cultura.

O misticismo estabelece a mais profunda experiência humana pessoal e social, ele fundamenta a ação não numa norma ou em qualquer imperativo racional, mas na liberdade de escolha que brota de um estremecimento afetivo da alma, que alcança um amor por toda a criação. Então Religião é um organismo social e político que mescla inteligência e instinto visando à sobrevivência, e misticismo é esse amor voltado ao universo inteiro, misticismo ultrapassa as religiões, as etnias, as culturas, grupos e limites históricos, misticismo pulsa em duração.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Penso que Bergson foi arrastado pelo impulso criador da idéia de Evolução criadora para o estudo do misticismo. Por isso entendo que meus estudos em Filosofia Educação e a idéia de Pedagogia da Duração defendida no doutoramento na FAGED-UFBA levaram-me á Difusão do Conhecimento. Isso se deu na própria Instituição, pois foi no útero da Faced que o MMDC foi gestado. Então parece que Difusão do Conhecimento é uma Evolução Criadora da Educação.

Esses acontecimentos não se ligam por uma causalidade necessária, mas por um fluxo criador. Pela experiência de liberdade. A Educação é uma atividade ligada à inteligência, mas guarda uma franja de instintualidade. A Educação está vinculada à sobrevivência, a conservações, grupos, etnias e classes, ela tal qual a Religião abre o individuo para o grupo. Mas a Difusão do Conhecimento respira em maior liberdade, parece visar à humanidade por inteiro, o cosmo, o universo. O conhecimento como impulso criador.

Afinal se as idéias nos arrastam para outras e nossa mentalidade nos movimenta em ações nesse mundo biônico discêntrico e multifacetário, é por que inevitavelmente o Pensamento é o Movente.

Esse impulso criador, esse fogo dos Deuses, foi pedagogizado na Educação. O conhecimento pedagógico e didático submeteu sua liberdade criadora à disciplinarização e as grades curriculares. Há um esforço de dentro da Pedagogia para soltar essas amarras, fala-se muito em transdisciplinaridade e interdisciplinaridade, mas a Educação não pode fugir a seu destino formador, à franja instintual de seu caráter de subsistência e socialização. Por isso entendo a partir da minha esfera de análise, que a Educação guarda em seu caráter evolutivo um destino trágico e conservador. Ela atua na legalidade racional e consciente e perdeu definitivamente seus vínculos com impulso criador do conhecimento e sua evolução se dá ultrapassando seus limites educacionais na Difusão do Conhecimento.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Já na estrutura do nome Difusão do Conhecimento indica mobilidade, expansão, liberdade. O Conhecimento pode ser difundido conscientemente através da Educação, inconscientemente através dos objetos físicos e culturais no cotidiano, mas a Difusão do Conhecimento como estudo supera essas esferas e alcança o conhecimento como impulso criador. Nesse sentido, a metafísica de Henri Bergson é difusora do conhecimento, pois possibilita a todas as pessoas intuírem, participarem do conhecimento enquanto duração.

Consideramos fundamental para a intuição: saber distinguir o vivo do construído (o construído parte da periferia para o centro e o vivo parte do centro para a periferia), saber que a intuição cavalga as idéias. Essa regra mostra que apesar de qualquer pessoa poder intuir, bastando usar as regras de Bergson, todas terão graus diferentes de intuição a depender da profundidade das idéias que carregue. Obs. Apenas o místico foge a essa segunda regra, pois sendo ele um animal diferente do homem, ele entra em contato com o fluxo criador independente das idéias que carregue, mas o místico é um acontecimento da evolução criadora, ele é um animal de outra espécie. As regras bergsonianas se aplicam aos homens.

Aqui então seguindo os passos de Bergson procura-se verificar a diferença entre misticismo e Religião, entre místico e humano, entre Educação e Difusão, mas por certo apenas lanço uma brisa, apenas adejo problema tão profundo e inquietante. Mas como a diferença nos possibilita retornar às próprias coisas, vamos passar pela diferença dos misticismos. Bergson tinha uma preferência pelo misticismo cristão, pois considerar os outros misticismos incompletos.

Inteligência e Intuição constituem diferentes formas de conhecimento. A inteligência levou o homem a “gemer sob o peso do progresso que construiu”, Bergson alcançou o extremo desenvolvimento da racionalidade, da técnica e da ciência. Mas, a intuição que é o único caminho para perceber a duração, a dinâmica



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

da vida e o sagrado, e deveria ser o método da Filosofia, está cada vez mais esquecida.

Com advento do DMMDC (Doutorado Multidisciplinar e Multi-institucional em Difusão do Conhecimento - UFBA), buscamos uma nova forma de conhecer que não seja a dicotomia, a escolha entre dois pontos. Vislumbramos uma nova possibilidade epistemológica que vivencie a cooperação entre inteligência e intuição, um agir científico e místico colaborando na difusão do conhecimento. Por muito tempo foi visto o misticismo como anti-ciência, e ciência algo contrário ao intangível e sagrado. Mas, a totalidade do ser humano está na união de inteligência e intuição sem excluir. Exemplo; a língua, móvel e diversa dos dentes, no entanto, junta os na boca, às vezes mordemos a língua, mas nem por isso quebramos os dentes ou arrancamos a língua, é preciso cooperação, solidariedade de dentes e línguas não só para nos alimentamos, mas para falar e cantar.

A percepção é fundamental no processo do conhecimento, mas a inteligência está voltada para o espaço, para a exterioridade ou como queria Bergson para a multiplicidade descontínua, mas quando nos voltamos para a interioridade então a descontinuidade vai sumindo, as coisas vão derretendo como um quadro de Salvador Dali e chegamos á multiplicidade contínua. Na homogeneidade do espaço descontínuo que é domínio da inteligência, não se pode compreender a heterogeneidade contínua da duração e da interioridade, mas é esse sujeito heterogêneo que caminha nesse mundo homogêneo, e é urgente juntar essas percepções.

Nada é puro nesse mundo, nunca encontramos uma religião totalmente fechada, uma ação puramente inteligente ou um misticismo desprovido de inteligência, afinal a intuição cavalga as idéias, então o DMMDC está despertando essa franja de intuição adormecida dentro da ciência, não descartamos a inteligência nem a técnica, muito pelo contrário nosso trabalho é cortar com a inteligência e cozer com a intuição o traje da festa do conhecimento para uma



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

epistemologia integral que transforme o espaço do conhecimento em um lugar de vida.

Em filosofia contemporânea, sempre se ouve que o homem da técnica se afastou do ser. Posso dizer que essa tecnologia nos afasta da vida e de nós da nossa vida interior, mas a tecnologia de que falo não é aquela que constrói máquinas para andar sob o mar ou nos fazer voar como pássaros ou aumentar, nossa potencia visual para que possamos ver o micro ou as estrelas mais distantes, o problema são as tecnologias para lidar com a vida com nos mesmos com os outros. Num mundo social agressivo inventamos tecnologias para sobreviver, protocolos de comportamentos substituem o amor a alegria e a vida, falas com certa cadencia para atendimentos e vendas enfim jogos. Não somos mais livres para amar para tocar para atravessar uma rua para meditar numa praça. Para tudo tem uma tecnologia como tratar o pai, a mãe, os filhos, o professor tudo é recheado de tecnologias de conveniência. A tecnologia de comportamento, a burocracia de afetos nos afasta do ser da afetividade. O misticismo que proponho mais que uma divinização é que através da interiorização possamos resgatar nossa espontaneidade a principal característica do místico é a liberdade só se ama em liberdade.

Queremos falar da experiência mística encarada no que ela tem de imediato, isenta de qualquer interpretação. Os verdadeiros místicos simplesmente se abrem à vaga que os invade. Seguros de si mesmos, porque sentem em si algo de melhor que eles revelam-se grandes homens de ação, para surpresa daqueles para quem o misticismo não passa de visão, transporte, êxtase. O que eles deixaram escoar no interior de si mesmo é um fluxo descendente que desejava atingir os outros homens através deles: a necessidade de espalhar em volta deles o que receberam eles sentem como ímpeto de amor. Amor ao qual cada um deles imprime a marca de sua personalidade. Amor que é então em cada um deles um sentimento inteiramente novo, capaz de transpor a vida humana para outra tonalidade. Amor que faz com que cada um deles seja amado assim por si mesmo, e que por ele, para ele, outros homens deixarão sua alma se abrir ao amor da humanidade. (BERGSON, 1978, p. 79)



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Esse amor à humanidade é muito além de um sentimento, ele é uma ação, uma ação movente, única capaz de lidar com a contingência do real, pois das dificuldades que enfrentamos com o real, a mudança se impõe como necessidade, facilitando certa compreensão, mas a contingência se abre numa escuridão silenciosa, num abismo trágico, apenas a vitalidade mística que pulsa em duração pode acolher. A contingência do real é uma barreira ao intelecto e um flagelo emocional. Somente a instantaneidade da intuição sobrevive e cria conhecimento desse caos.

Intuição filosófica como uma experiência integral que usa não somente a intuição, mas também a inteligência para ir mais longe combina dilatação e concentração do espírito e quebra as barreiras do à priori. Este é o trabalho estafante do metafísico que visa à verdade do todo; da matéria, da vida e do espírito. A metafísica positiva instala-se no terreno dos fatos a realidade da vida do espírito são interiores e não exteriores, portanto é preciso ir buscar a experiência em sua fonte e não buscar a experiência pela experiência que a nada leva. Esta ida a fonte é uma virada, mas antes de tudo experiência humana, falando no senso comum, esta experiência é antes de tudo a experiência humana de pessoas, ela é feita no tecido dos hábitos e ela nos é extremamente útil para ações futuras. Cada dia de nossa vida está agindo e reforçando ou destruindo hábitos de conduta mais adaptada, ou seja, educação. No plano filosófico partimos da experiência científica para a construção da especulação do imediato, a colhemos antes da poluição que a circulação da utilidade faz.

Vamos da superfície ao profundo, do exterior ao interior desinteressadamente, como na arte que cria, acolhemos o imprevisível como um jorrar de eternas novidades, sem acalentá-las, pois vivemos num lugar onde tudo se repete e se calcula, e assim funciona. A especulação é sem dúvida um luxo, pois desperdiçamos em relação às necessidades da vida e nem aí estamos para os custos



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

de nossa duração, pois as rupturas com destinos perdem o sentido diante do imediato que nos move e nos coloca diante de outra destinação mais profunda, mais dilatada e mais verdadeira. Talvez seja isto que os míticos chamam de grande libertação, e Bergson denomina de abertura da alma ao amor da humanidade.

REFERÊNCIAS

- BERGSON, Henri. **As duas fontes da moral e da religião**. Tradução: Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978
- _____. **Ensaio sobre os dados imediatos da consciência**. Tradução: João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, 1927.
- _____. **A evolução criadora**. Tradução: Bento Prado Junior. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.
- _____. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006b. (Tópicos)
- _____. **Memória e vida**. Tradução: Cláudia Derliner. São Paulo: Martins Fontes, 2006c.
- _____. **O pensamento e o movente: ensaios e conferências**. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006d.
- _____. **A Energia Espiritual**. trad. Rosimeiry Costhek Abílio. Martins Fontes, São Paulo, 2009.
- VIEILLARD- BARON, Jean-Louis. **Compreender Bergson**. Tradução Mariana de Almeida Campos, Petrópolis: Vozes, 1999
- TORREÃO, Rita Célia Magalhães. **Nas Asas da Borboleta Filosofia de Bergson e Educação**. Salvador: Edufba, 2012.